

# Costa Rica: um país pacífico que se arma

A expansão da presença militar dos EUA na América Latina é justificada pelo pressuposto de que é preciso enfrentar conjuntamente ameaças como migrações ilegais, crime organizado e narcoterrorismo. Com isso, os americanos aumentam sua influência na região e causam temor naqueles que questionam essa estratégia

POR ADRIANA ROSSI\*



Dominação continental: helicóptero americano pousa na base militar de Ancon, no Equador

*"Para defender nossos interesses na América Latina, é preciso alternar entre a cenoura e o porrete."*

*Theodore Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos*

Em julho passado, 20 dias antes de deixar a presidência da Colômbia, Álvaro Uribe pediu a convocação de uma reunião extraordinária da Organização dos Estados Americanos (OEA) para apresentar uma denúncia. Segundo dados e fotos de satélite fornecidos pelo serviço de inteligência colombiano - que alegou razões de segurança nacional para não enviá-los à imprensa -, haveria 86 acampamentos das Forças Armadas Revolucionárias (Farc) e do Exército de Libertação Nacional (ELN) colombianos em território venezuelano. Com a anuência do governo de Hugo Chávez, esses acampamentos abrigariam 1.500 guerrilheiros armados, entre eles membros da cúpula dessas organizações.

As reações em cadeia rapidamente levaram à ruptura das relações diplomáticas entre os dois países, fazendo com que a região voltasse a se aproximar do abismo de um conflito anunciado e gestado há 20 anos. Foram essas mesmas tensões que levaram a Venezuela, em 2009, a cortar relações econômicas com a Colômbia, em protesto ao acordo firmado entre esta e os Estados Unidos sobre a utilização de sete bases militares na área.<sup>1</sup> O pacto foi considerado uma ameaça e um desafio aos governos da região, visão compartilhada pela maioria dos países do sul do continente.

Agora, frente à denúncia de Uribe, Chávez acusa diretamente os Estados Unidos de arquitetar junto à Colômbia um ataque não apenas ao território venezuelano, mas também a toda a região. A crise, momentaneamente suspensa com a chegada de Juan Manuel Santos à presidência da Colômbia e com a mediação da Secretaria Geral da Unasul (União de Nações Sul-Americanas), terminou com

uma "declaração de princípios" assinada pelos dois presidentes.<sup>2</sup>

As preocupações de Hugo Chávez, apesar de consideradas fictícias por seus adversários, têm como base um cenário latino-americano onde a expansão militar dos Estados Unidos continua ganhando espaço.

#### ENTRE BASES E MARINES

No final de outubro de 2009, poucos dias antes da assinatura do acordo entre Bogotá e Washington, foi anunciado outro convênio, desta vez entre Estados Unidos e Panamá, para a construção de quatro bases aeronavais, duas no Pacífico e duas no Atlântico. Segundo declarações do ministro do Governo do Panamá, José Raul Molino, as bases seriam panamenhas<sup>3</sup>, algo difícil de acreditar se levados em conta o investimento, a disparidade de forças e a pressão estadunidense para controlar o Canal, sob a justificativa de combater a atividade de traficantes de drogas e armas, e de terroristas.

De fato, a segurança do corredor interoceânico é motivo de fixação para o Pentágono, que por meio de seu Comando Meridional organiza, desde 2003, exercícios militares batizados de Panamax. Entre 16 e 17 de agosto passado, foram empreendidas manobras militares patrocinadas por Estados Unidos e Panamá, das quais participaram 2 mil pessoas, militares e civis, provenientes de 18 países do continente. O objetivo divulgado era assegurar uma resposta às ameaças não governamentais que caracterizam o século XXI, e estabilizar zonas em casos de catástrofes mediante o uso de uma força multinacional." Por falta de verba, os exercícios de simulação foram realizados simultaneamente entre as bases estadunidenses de Mayport (Flórida) e Norfolk (Virgínia), assim como na capital do Panamá. Apenas as operações terrestres em zonas costeiras foram feitas por tropas centro-americanas sob comando panamenho.

A luta contra o narcotráfico é também a justificativa oficial para, desde 1º de julho até 31 de dezembro deste ano, autorizar cerca de 7 mil *marines* a operar na Costa Rica com 46 navios de guerra capazes de mobilizar até 200 helicópteros e aviões. Tudo isso em um país que não tem forças armadas [*verbox*]. Para justificar o acordo, a presidente Laura Chinchilla argumenta que a polícia local e a guarda costeira não estão em condições de controlar a passagem de grandes carregamentos de drogas pelo território costa-riquenho. Chinchilla afirma também que em seu território se estabeleceram cartéis de narcotraficantes mexicanos e colombianos.

#### INICIATIVA MÉRIDA

Junto com a República Dominicana e o Haiti, a Costa Rica participa da Iniciativa Mérida - mais conhecida como Plano México -, também orientada para a luta ao narcotráfico. Chinchilla aspira uma ampliação da Iniciativa para que toda a região conte com os meios e a ajuda estadunidenses.<sup>5</sup> No ano passado, os países membros receberam US\$ 110 milhões e o México US\$ 300 milhões.<sup>6</sup>

Apesar dessas medidas, desde que Felipe Calderón assumiu a presidência, há apenas 4 anos, o México vive uma guerra interna que já custou 28 mil mortos entre narcotraficantes, policiais, militares e políticos envolvidos ou não em alianças com o crime organizado, além de cidadãos inocentes.

A gravidade da situação levou tanto o México como os Estados Unidos a chamar diversos cartéis de traficantes de "terroristas". São terroristas de fato, ainda que longe do sentido político com o qual tentam relacioná-los. De qualquer forma, essa qualificação repercute em questões de ordem interna, como se pode imaginar. O narcoterrorismo é usado, também, como justificativa para os Estados Unidos continuarem bloqueando a ferro e fogo a conflituosa fronteira do norte mexicano. Por um lado, está o recrudescimento das leis imigratórias (as do Arizona são o exemplo mais recente), o muro de concreto e os sensores virtuais que separam os dois países. Por outro, os Estados Unidos decidiram aprovar um pacote de US\$ 600 milhões para o monitoramento da fronteira, o que inclui o uso de aviões sem tripulação e envio de 1,5 mil homens para controle e patrulha, entre funcionários aduaneiros, de imigração e agentes da Guarda Nacional.<sup>7</sup>

## O narcoterrorismo é usado como justificativa para os Estados Unidos continuarem bloqueando a ferro e fogo a conflituosa fronteira do norte mexicano

Se para a fronteira do México são enviados aviões não tripulados, em Belize, a pedido do governo desse país, o Comando de Operações Especiais dos Estados Unidos (US Socom) está testando helicópteros, também sem tripulação e equipados com radares, cuja versatilidade de voo pode detectar pessoas e veículos debaixo da densa folhagem da floresta.<sup>8</sup>

A essas iniciativas somaram-se outras três, em agosto passado. A primeira delas é a missão SPS 2010 em Barbados, articulada com as forças de defesa desse país.<sup>9</sup> Uma segunda consiste no envio de ajuda de militares estadunidenses a comunidades indígenas e camponesas na baía de Málaga, Colômbia, localizadas nas proximidades da base naval incluída no acordo entre Bogotá e Washington.<sup>10</sup> O objetivo seria conhecer a idiossincrasia e cultura dessas comunidades, aspecto atualmente

levado em consideração pela doutrina militar dos Estados Unidos. A terceira iniciativa é o intercâmbio entre médicos militares estadunidenses e do Suriname sobre técnicas em casos de catástrofes naturais.<sup>11</sup> A idéia - ou desculpa - é que os Estados Unidos, além de recursos, ganharam experiência no assunto com o furacão Katrina que devastou Nova Orleans em 2005 e, mais recentemente, com a intervenção no Haiti após o terremoto em janeiro passado. Em uma ação, que para muitos denota o início de um protetorado, os Estados Unidos enviaram 3,5 mil soldados ao Haiti para garantir a ordem e proporcionar ajuda humanitária<sup>12</sup>, além de participar de tarefas de reconstrução administrativa e institucional. No total, 22 mil pessoas foram mandadas ao país, segundo dados do general Doug Fraser<sup>13</sup>. Cerca de 500 membros da Guarda Nacional estadunidense permaneceram na ilha e participam da missão Novos Horizontes<sup>14</sup>.

Essas iniciativas avançam devido a pressões do Pentágono e dos setores mais conservadores. Contudo, a crise econômica obrigou a Casa Branca a cortar gastos. No setor militar, a redução chegaria a 10% do orçamento, desde que seja aprovada pelo Congresso. Nesse caso, os contratos com empresas de segurança privada seriam restringidos, as promoções de cargo suspensas, o setor administrativo reduzido e o Comando de Forças Conjuntas (JFC, em inglês) - cuja missão é treinar e reunir soldados provenientes de distintas forças para operar conjuntamente -, eliminado. Esses cortes economizariam US\$ 100 bilhões em cinco anos, parcela de um orçamento que, só para 2010, foi calculado em US\$ 700 bilhões<sup>15</sup> e representa 43% do gasto militar mundial. Na realidade, essas "economias" já estavam previstas em razão da racionalização e reorientação de estratégias e táticas por novas tecnologias e novos desafios. A tática dos Estados Unidos é evitar a proliferação de instalações militares e, mediante acordos, servir-se de países amigos, aos quais o Pentágono retribui com melhorias e adequações das suas necessidades tático-estratégicas.

### COMUNHÃO DE INTERESSES?

Essa lógica responde à necessidade de estreitar relações com sócios e aliados. A aparição de outros países de peso no cenário mundial, como China e Índia, impulsiona os Estados Unidos a se afirmar

como grande potência capaz de assumir cenários de guerra à distância.<sup>16</sup>

Quanto à América Latina, a parceria pressupõe uma comunhão de interesses e objetivos. Os Estados Unidos declaram que buscam a paz, a segurança e a prosperidade a partir da sua peculiar visão cêntrica, que pressupõe preparar seus sócios e aliados para enfrentar as ameaças que rondam o continente: migrações ilegais, narcotráfico, crime organizado, narcoterrorismo. Nessa perspectiva, os países que desdenham dessas ameaças, ou pior, que as amparam (como a Venezuela, por exemplo), estariam expostos a um eventual golpe de Estado mais ou menos disfarçado - como aconteceu em Honduras - e, em última instância, a uma agressão militar<sup>17</sup>. A expansão da já massiva presença militar no último período responde efetivamente à necessidade estadunidense de estar em condições de utilizar algum desses recursos.

### CENÁRIOS DESFAVORÁVEIS

Com as evidentes dificuldades derivadas de situações, culturas e governos distintos, vários países (Argentina, Bolívia, Brasil, Equador, Paraguai e Venezuela) têm adotado um caminho diferente, senão oposto, aos objetivos e decisões dos Estados Unidos. Ao contrário do que ocorria no passado, alguns conflitos regionais têm sido dirimidos internamente, como o caso entre Colômbia e Equador e, recentemente, entre Colômbia e Venezuela. A Unasul enfrentou esses problemas - que poderiam causar rompimentos e tensões - com muito êxito.

Também nessa linha, alguns processos foram dinamizados, como a criação do Centro de Estudos Estratégicos, por parte do Conselho de Defesa Sul-Americano. O Centro terá como objetivo estudar as ameaças que rondam o continente e propor estratégias comuns, mas respeitando a soberania de cada Estado. A forma como foram resolvidos alguns conflitos recentes seria uma prova da possibilidade de prescindir de organismos interamericanos como a OEA, nos quais se impõe a vontade (e os interesses) dos Estados Unidos. O presidente Lula chegou a reivindicar a necessidade de uma organização como a OEA, mas sem Estados Unidos e Canadá. A iniciativa não teve conseqüências até o momento, mas é reveladora de uma situação política regional inédita.

Ao focar suas atenções na América Central e Caribe, os Estados Unidos parecem se orientar a estabelecer bases militares em países do continente, mais inclinados a seus interesses, e organizar um cerco ao sul que se mostra cada vez mais arredo à sua política de vizinhança. A expansão militar estadunidense é a espada de Dâmoqueles que ameaça o incipiente, mas firme, processo de emancipação latino-americano. ©

**Adriana Rossi**, doutora em filosofia; professora da Universidade Nacional de Rosário, na Argentina, e de mestrado em Uso Indevido de Drogas da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires. Ex-secretária executiva da Rede Latino-Americana de Redução de Danos (Relard); especialista na temática do narcotráfico e das doutrinas militares.

- 1 "Acordo complementar para a Cooperação e Assistência Técnica em Defesa e Segurança entre os Governos da República da Colômbia e dos Estados Unidos", [www.analitica.com](http://www.analitica.com), 5 de novembro de 2009. Este acordo foi declarado improcedente e não pode ser aplicado por vícios de formas, segundo decisão da Corte Constitucional colombiana de 17 de agosto de 2010. "Las bases de Estados Unidos vuelven a agitar el debate en Colômbia" [As bases estadunidenses voltam a agitar o debate na Colômbia], [www.clarin.com](http://www.clarin.com), 19 de agosto de 2010.
- 2 Na Declaração de Princípios são estabelecidos mecanismos binacionais de cooperação em termos de comércio, infraestrutura, desenvolvimento econômico e social e segurança. Especial importância é conferida à necessidade de eliminar condições socioeconômicas desfavoráveis das populações de fronteira, ambientes privilegiados para a ação da guerrilha. Presidência da República da Colômbia, "Declaração de Princípios", <http://wsp.presidencia.gov.co>, 10 de agosto de 2010.
- 3 "Ministro panamense desmiente construcción de bases militares de EE.UU." [Ministro panamense desmiente construção de bases militares de Estados Unidos], [www.telesurtv.net](http://www.telesurtv.net), 12 de novembro de 2009.
- 4 "Multinational Panamax 2010 exercise begins" [Começam os exercícios da multinacional Panamax] [www.southcom.mil](http://www.southcom.mil), 17 de agosto de 2010.
- 5 "Costa Rica wants US anti-drug program for CentAm" [Costa Rica defende programa antidrogas estadunidense para a América Central], [www.google.com/hostednews/ap/article](http://www.google.com/hostednews/ap/article), 18 de agosto de 2010.
- 6 *Ibid*
- 7 "Aprueba Congreso de EE.UU. más efectivos para zona fronteriza" [Congresso aprova mais efetivos para a zona de fronteira], [www.frontera.info](http://www.frontera.info), 11 de agosto de 2010.
- 8 "A160T Flies Forester in Belize" [A160T sobrevoa florestas em Belize], [www.aviationweek.com/aw/blogs/defense/](http://www.aviationweek.com/aw/blogs/defense/), 9 de agosto de 2010.
- 9 "HSV Swift begins SME exchanges in Barbados" [HSV Swift começa intercâmbio de operações militares em Barbados], [www.southcom.mil](http://www.southcom.mil), 12 de agosto de 2010.
- 10 "Sailors from US New Orleans help Colombian Community" [Navais de Nova Orleans ajudam a comunidade colombiana], [www.southcom.mil](http://www.southcom.mil), 13 de agosto de 2010.
- 11 "U.S. Army conducts Medicaí Meadiness Exchange with Surinam Armed Forces" [Exército norte-americano conduz intercâmbios médicos com as forças armadas do Suriname] [www.southcom.mil](http://www.southcom.mil), 10 de agosto de 2010.
- 12 "Obama mando 3.500 soldados y US \$100 millones" [Obama enviou 3,5 mil soldados e US\$ 100 milhões], [www.clarin.com](http://www.clarin.com), 15 de janeiro de 2010.
- 13 "One Year in Command United States Southern Command" [Um ano de Comando dos Estados Unidos no Comando Meridional], [www.southcom.mil](http://www.southcom.mil), 4 de agosto de 2010.
- 14 "Soldados americanos terminan la misión que iniciaron en Haiti después del sismo" [Soldados americanos terminan a missão iniciada no Haiti após terremoto], [www.hoy.com.ve](http://www.hoy.com.ve), 2 de junho de 2010.
- 15 "Anuncian recortes en Defensa en EE.UU." [Anunciados cortes na Defesa norte-americana] <http://noticias.latino.msn.com>, 9 de agosto de 2010.
- 16 Departamento de Defesa, op. cit.
- 17 Ver o documento do Comando Sul, que mantém sua validade apesar de ter sido redigido durante a administração Bush. Comando Meridional dos Estados Unidos, "Command Strategy 2016. Partnership for the Americas" [Estratégia de comando 2016], [www.southcom.mil](http://www.southcom.mil).

## ATENTADO À IDENTIDADE

A Costa Rica não tem forças armadas desde 1949. Foram abolidas logo depois do país ser declarado uma nova República, após período de enfrentamentos internos. Sua Constituição proíbe a formação de exército, e as tarefas de ordem interna são delegadas à polícia civil e ao patrulhamento da Guarda Costeira.<sup>1</sup> Em 1969, em São José da Costa Rica, foi assinada a Convenção Americana de Direitos Humanos. Em 1983, com o envolvimento do país no conflito da vizinha Nicarágua, entre o governo sandinista e os "contras" financiados pelos Estados Unidos, o presidente Luis Alberto Monge declarou a neutralidade permanente e desarmada do país. A Costa Rica reconheceu e declarou, pioneira entre todos os países do mundo, "o direito à paz". A paz como valor fundamental é a matriz identitária do país.

O direito à paz, motivo de orgulho dos costa-riquenhos, impede o Estado de autorizar qualquer tipo de atividade que tenha relação com a guerra, como comprar, vender, produzir e armazenar bens e serviços para esse fim. Foi com base nesse direito que, em 2003, se

desqualificou o apoio que o então governo pretendia outorgar à coligação que invadiu o Iraque.

Em 1º de julho passado, contudo, a Assembleia Legislativa abandonou esses princípios e aprovou um convênio com os Estados Unidos mediante o qual navios de guerra, porta-aviões, helicópteros, aviões e um primeiro contingente de 7 mil marines terão permissão de entrada. Segundo o acordo, a função será ajudar a Guarda Costeira a interceptar o contrabando de drogas.

A permissão dada a essa parafernália de guerra teve como base um convênio anterior para patrulhamento marítimo conjunto, mas que não outorgava qualquer tipo de permissão de entrada a militares estadunidenses. Esse convênio caducou em outubro de 2009 e sua renovação nos termos atuais é, definitivamente, um réquiem à magnífica identidade de paz costa-riquenha.

1 Luis Roberto Bolaño Zamora, "The lowest form of military aggression" [A forma mais baixa de agressão militar], [www.opamericas.org/archives/2885](http://www.opamericas.org/archives/2885), 1º de julho de 2010.